



Caravana da vida das mulheres: quando a mulher aparece a agroecologia cresce

Caravan of women's lives: When the woman appears agroecology grows

Autores: SOUZA, Wanessa Alves Pereira de¹; LOPES, Leandro de Souza²; ELTETO, Yolanda Maulaz³

Instituição e Endereço Eletrônico: ¹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). wanessaagroeco@gmail.com; ²Universidade Federal de Viçosa (UFV). leandro.s.lopes@ufv.br; ³Universidade Federal de Viçosa (UFV). yolanda.elteto@ufv.br

Resumo: Em diferentes contextos socioambientais nos estados do sudeste tem ocorrido uma série de ações de geração e disseminação de práticas agroecológicas. Dentre estas ações destacam-se as "Caravanas agroecológicas e Culturais", uma delas ocorreu em Minas Gerais, de 17 a 22 de novembro/2014. A caravana objetivou contribuir com a promoção da transição agroecológica. Participaram da caravana estudantes, agricultores e agricultoras, técnicos e pesquisadores. Notou-se que a questão de gênero é uma das questões que determina a realidade da mulher agricultora; e que são elas quem garante a segurança alimentar da família. A questão de gênero se mostra como um dos grandes desafios para a transição agroecológica. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho apresenta um entendimento da vida das mulheres dos territórios visitados. Acredita-se que a atividade contribuiu para o fortalecimento da agroecologia no país com a interação de diversos sujeitos, assim como permitiu a sistematização do contexto da vida das mulheres.

Palavras-Chave: Rede Agroecológica; Gênero; Segurança Alimentar

Abstract: In different social and environmental contexts in southeastern states there has been a series of actions of generation and dissemination of agroecological practices. Among these actions there are the "agroecological and cultural caravans", one of which occurred in Minas Gerais from 17 to 22 November/2014. The caravan aimed to contribute to the promotion of agroecological transition. Participated of the caravan students, farmers, technicians and researchers. It was noted that the issue of gender is one of the issues that determines the reality of women smallholders; and it is they who guarantee household food security. The issue of gender is shown as a major challenge for the agroecological transition. In this sense, the main of this work presents an understanding of the women's lives on the territories visited. It is believed that the activity contributed to the strengthening of agroecology in the country with the interaction of different subjects, and allowed the systematization the context of women's lives.

Keywords: Agroecology Network; gender; Food Safety



Contexto

Há pelo menos três décadas, as inovações científicas e socioambientais, fundamentadas nos princípios da Agroecologia estão se intensificando no Brasil, inclusive na região Sudeste. Muitas ações de geração e disseminação de práticas agroecológicas, em diferentes contextos socioambientais, estão ocorrendo nos estados dessa região, as quais auxiliam na consolidação da agroecologia. Estas ações são animadas por redes locais, territoriais e estaduais que unem pessoas, grupos e organizações, envolvendo os mais diversos atores sociais (grupos culturais, organizações não governamentais, universidades e escolas técnicas).

Uma destas ações foi a realização da “Caravana agroecológica e Cultural” em Minas Gerais, de 17 a 22 de novembro/2014. A caravana agroecológica e cultural é uma ferramenta que permite a imersão em diferentes territórios, promovendo olhares sobre distintos aspectos das ações agroecológicas ali inseridas. Durante a caravana visitou-se assentamentos, comunidades tradicionais, Escolas Famílias Agrícolas, agricultura urbana e de instituições que apoiam a agroecologia. Visitou-se também ações em áreas de conflitos socioambientais nos territórios.

Os conhecimentos agroecológicos são construídos partindo dos contextos locais e articulados a realidades nas diferentes escalas: da paisagem, regional e nacional. Assim, é possível identificar em cada experiência o seu modo de interagir com diferentes eixos temáticos, desde aspectos técnicos e relação com a biodiversidade, inovações organizativas até mudanças nas relações sociais e de poder dos que a conduzem. Nessa perspectiva as relações de gênero bem como o papel da mulher na construção da agroecologia cada vez mais vêm sendo reconhecido e incentivado. Conhecer de que modo estão sendo expressadas essas relações é relevante para a construção do conhecimento e no desenvolvimento de estratégias de fortalecimento da agroecologia.

Nesse contexto, o objetivo desse relato foi o aprofundamento no entendimento da vida das mulheres, sistematizando sua forma de produção bem como os processos de fortalecimento (ou não) de sua emancipação nos territórios visitados.

Descrição da experiência

A Caravana foi construída pelos Núcleos de Estudo em Agroecologia da região Sudeste (NEAs) que compõem a rede de NEAs sudeste, fortalecida pelo projeto Comboio Agroecológico do Sudeste (Edital 83/2013, CNPq, Ministério da Pesca e Aquicultura, Ministério da Educação, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e Governo Federal por meio do "País rico é país sem pobreza") e a Articulação Mineira de Agroecologia (AMA), com apoio

Comentado [a1]: Isso não poderia ficar como uma nota de rodapé? Acho que polui o texto!!! Não sei se foi orientação da Irene



da Empresa de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a partir do Plano de Inovação, uma parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário. A caravana foi composta por 5 rotas (saídas do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e duas de Minas). A estas rotas foram incorporando pessoas de diversas localidades que se encontraram na cidade de Araçuaí no Vale do Jequitinhonha, MG. Participaram da caravana estudantes, agricultores, técnicos e pesquisadores, buscou-se a paridade entre técnicos, acadêmicos e agricultores e entre homens e mulheres.

Na cidade de Araçuaí no Vale do Jequitinhonha utilizou-se de metodologias participativas que propiciaram as trocas de saberes, como instalações pedagógicas com as expressões culturais dos territórios vivenciados em cada rota e discussões dos anúncios e denúncias sobre o Vale do Jequitinhonha.

A caravana objetivou contribuir na consolidação de três eixos: a) da Rede Agroecológica do Sudeste, utilizando diferentes práticas pedagógicas, de pesquisa e extensão e de diferentes mídias; b) vivenciar nos territórios as potencialidades e desafios enfrentados pela agricultura familiar na construção da agroecologia e; c) analisar e sistematizar estes desafios e possibilidades para contribuir com a promoção da transição agroecológica. Para facilitar a análise e sistematização elaborou-se um conjunto de questões problematizadoras para serem observadas ao longo da caravana, sendo uma das questões sobre gênero. A caravana objetivou ainda fortalecer e ampliar a convergência entre o conhecimento científico e os saberes construídos pelos agricultores familiares no manejo dos agroecossistemas em seus Territórios.

Resultados

A participação de um número expressivo de mulheres permitiu a apreensão de aspectos importantes a serem considerados nos conteúdos das relações sociais presentes em experiências relacionadas à Agroecologia. Pode-se identificar que os diferentes papéis sociais atribuídos aos homens e também às mulheres, bem como seus comportamentos comprometem o empoderamento das mulheres agricultoras e o reconhecimento do seu trabalho. Segundo Siliprandi (2012) as definições mais usuais sobre o conceito de gênero mostram que masculino e feminino são características socialmente construídas, criando um sistema de hierarquias, constituindo uma relação de desigualdade. Assim, ao homem, geralmente, é atribuído o papel de chefe da família e portanto de detentor de poder nas tomadas de decisão, bem como de domínio em relação aos outros membros da família.

Durante as visitas foi possível constatar que as mulheres garantem a sobrevivência familiar, contudo suas habilidades e especializações foram “naturalizadas” sendo consideradas próprias da condição feminina. Em nossa sociedade são as mulheres que realizam as tarefas mais rotineiras, que garantem a sustentação da vida humana, configurando uma situação de super



exploração por sua invisibilidade (Siliprandi, 2011). Logo, essas atividades não são reconhecidas como trabalho, muito menos como relevantes para a manutenção da vida.

Em algumas rotas apenas os homens apresentavam as experiências, com foco exclusivo no seu trabalho, negando ou omitindo a participação da mulher na propriedade. Contudo foi possível verificar que muitas destas ações eram protagonizadas pelas mulheres, as quais possuem conhecimentos tradicionais agroecológicos. Estas mulheres são guardiãs do conhecimento sobre os alimentos, uso das plantas medicinais e da homeopatia. São as mulheres que plantam e preparam os alimentos, principalmente hortaliças e frutas dos quintais. Elas que os transformam em doces, suco, chás e outras bebidas. Estes alimentos são saudáveis, pois as mulheres afirmam com orgulho de não utilizar nenhum tipo de agrotóxico, ou seja, veneno em suas hortas.

Nesse sentido, são as mulheres que garantem a soberania e segurança alimentar e nutricional da família. Aspectos que envolve, desde o acesso à qualidade e à quantidade de alimentos que as pessoas dispõem habitualmente, até as condições de saúde, saneamento e da sustentabilidade do ambiente em que se vivem (Siliprandi, 2012). Além da produção agrícola, foram visitadas comunidades em que as mulheres assumem trabalhos na construção civil, como por exemplo, a construção das cisternas de captação de água da chuva.

Muitas das organizações, em especial as não governamentais, de apoio ao desenvolvimento rural, passaram a utilizar enfoques de gênero. Assim, auxiliam na discussão das questões de gênero e violência contra a mulher. Essas iniciativas são importantes, pois também incentivam a autonomia econômica das mulheres, reforçando seu papel como lideranças que trabalham com agroecologia. Além disso, o fato de provocar reflexões sobre as diferenças de gênero e evidenciar o papel da mulher, faz com que as relações sociais dentro de cada comunidade sejam transformadas.

Apesar das experiências e iniciativas destacadas, ainda é necessário reconhecimento do conjunto de atividades das mulheres para à sustentação da vida humana e que os padrões ideológicos que aprisionam as mulheres sejam discutidos e reorientados na sociedade. O reconhecimento das experiências femininas deve ser acompanhado da discussão de uma nova divisão sexual de tarefas e da valorização de sua participação social e política. É preciso respeitar as diferenças entre mulheres e homens construídas socialmente e que imprimem diferentes identidades de gênero às pessoas, sem que isso reforce relações de desigualdades de poder hoje existentes (Siliprandi, 2012).

Na construção da agroecologia a questão de gênero ainda é um dos grandes desafios. Serão necessários muito esforço e dedicação para que o papel das mulheres, bem como o reconhecimento de suas ações, tanto dentro das comunidades, quanto para os diferentes setores da sociedade, seja reconhecido como essencial no processo de transição agroecológica.



A imersão na realidade da agricultura familiar agroecológica, conhecendo as suas diferentes expressões e proporcionando a interação entre os sujeitos que constroem a agroecologia na região sudeste, auxiliaram na identificação e sistematização da realidade das vidas das agricultoras agroecológicas. Desse modo, pode-se dizer que a Caravana Agroecológica e Cultural rumo ao Vale do Jequitinhonha contribuiu para o fortalecimento da agroecologia no país.

Agradecimentos

Apoio do Plano de Inovação Tecnológico do Ministério do Desenvolvimento Agrário, gerido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

Referências bibliográficas

SILIPRANDI, E. A alimentação como um tema político das mulheres. *Ariús*, Campina Grande, v. 18, n.1, jan./jun. 2012.

SILIPRANDI, E. Mulheres agricultoras: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar. 2011. Disponível em: <http://www.rimisp.org/wp-content/uploads/2013/05/Paper_Emma_Siliprandi-12.pdf>. Acesso em: fevereiro. 2015.